

## A percepção do espaço físico e ambiental: uma abordagem fenomenológica<sup>1</sup>

Selma Regina Ramalho Conte<sup>2</sup>  
Universidade Tuiuti do Paraná

### RESUMO

A percepção do espaço físico e ambiental influencia os sentidos e altera as funções cognitivas. Esta preocupação está presente também dentro das bibliotecas, onde o bibliotecário tem seu próprio espaço físico e ambiental comumente colocado em segundo plano, esquecendo-se que a satisfação destes reflete-se nos serviços prestados aos usuários. A partir de uma abordagem fenomenológica que atenta aos modos pelos quais os sentidos são afetados pelo meio busca-se entender essa percepção. Verifica-se na Arquitetura os detalhamentos sobre espaços necessários para as áreas destinadas ao trabalho em bibliotecas; e, na ergonomia para a concepção de ambientes responsivos às atividades desempenhadas. Com isto pretende-se obter argumentos para estruturar uma mudança de conceitos na formulação dos espaços para os bibliotecários tendo como evidência a satisfação destes profissionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Percepção. Espaço físico e ambiental. Ambiente organizacional. Bibliotecários.

### 1 INTRODUÇÃO

O homem é um ser que dentro de sua perspectiva relaciona-se com o mundo, que o percebe de formas particulares, e que estas variam de acordo com o seu horizonte perceptivo. As diversas formas desse relacionamento revelam a complexidade da natureza humana, a capacidade, em maior ou menor grau, de convivência com os seus semelhantes e o ambiente que os cercam. As percepções concebidas nessa experiência transpõem a racionalidade e permitem alcançar o sensível e o estético, sustentados pela imaginação e criatividade (MERLEAU-PONTY, 1999).

A percepção do espaço ambiental influencia os sentidos alterando as funções cognitivas intensificando-as ou reduzindo-as. A adaptação do ambiente construído, para realização de atividades que exijam desempenho, tem buscado somar profissionais de diversas áreas que possam otimizar a satisfação, buscando o aumento da produtividade, proporcionando melhores condições de trabalho e aproveitamento dos ambientes. Atualmente esta preocupação está presente nos diversos setores produtivos, busca-se complementar a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 3 – Relações Públicas e Comunicação Organizacional do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação e Linguagens na Universidade Tuiuti do Paraná (2015). Bibliotecária na Universidade Federal do Paraná. Graduada em Biblioteconomia e Documentação (UNESP). Especialista em Gestão de Bibliotecas (UFPR). E-mail: selmaconte@gmail.com

estrutura física integrando questões objetivas e subjetivas na adaptabilidade e conformidade do espaço, melhorando as atividades nele desenvolvidas.

Neste sentido, reflete-se sobre uma forma de relação entre indivíduos e ambiente, especificamente sobre a percepção que bibliotecários têm de seu espaço físico e ambiental dentro das bibliotecas, a partir de uma abordagem fenomenológica. No ambiente de uma biblioteca encontram-se dois atores: usuários e bibliotecários. Ao longo da história, os bibliotecários permaneceram como coadjuvantes, relegados a um segundo plano em seu próprio ambiente, esquecendo-se que a satisfação destes reflete-se nos serviços prestados aos usuários. Diante da carência de pesquisas específicas dentro da Biblioteconomia, busca-se na Arquitetura, na metodologia fenomenológica, nos estudos da percepção e na ergonomia o entendimento que os indivíduos têm acerca dos espaços que ocupam, para a concepção dos ambientes.

No contexto de atuação do bibliotecário onde cada vez mais se depende de resultados, onde a transferência de conhecimentos está sendo vista como a grande força motriz do desenvolvimento intelectual, esta situação merece ser revista.

## **2 A PERCEPÇÃO**

Para uma melhor compreensão acerca da percepção recorre-se à fenomenologia que descreve ou explica um fato ou uma ocorrência pela observação, que facilita retornar àquilo que foi negligenciado, a fenomenologia que retrata a experiência perceptiva (CERBONE, 2014, p. 13, 159-160). Pelo entendimento dado por Merleau-Ponty

“A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6).

Neste sentido, a percepção envolve aspectos intelectuais, emocionais, imagéticos e criativos permitindo aos indivíduos relacionarem-se com o mundo, possibilitando outras experiências, outras vivências e novos contextos subjetivos (MARIN; KASPER, 2009, p. 268). A percepção se constrói com consciência (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 46), que está sempre voltada para o mundo, um não existe sem o outro. Essa intencionalidade atribui significados aos objetos percebidos. Ao entender a percepção como interpretação dos objetos,

formas ou fenômenos que representam algo distinto de si mesmo, pode-se direcioná-la a todo e qualquer contexto, o mundo dado, o mundo vivido, o ambiente ao redor. Nesse contexto os estímulos são fornecidos pela presença corporal, o corpo atua como mediador do mundo, é o sujeito da percepção (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 201, 303).

A constatação do espaço ambiental como objeto da percepção atribui um significado a esse espaço, um registro ativo dos estímulos. Dessa forma, essa percepção implica em estabelecer uma relação entre o ambiente e o que se percebe dele, uma experiência ativa (CERBONE, 2014, p. 17, 173-174). O espaço ambiental é descrito por Merleau-Ponty (1999, p. 50) como o lugar onde se vive ou se trabalha, arquitetonicamente organizado, que constitui um meio estético, ou psicológico, especialmente preparado para o exercício de atividades humanas, o ambiente social (NOVO, 2009; ORNSTEIN; BRUNA; ROMERO, 1995, p. 7). A percepção desse espaço é posicional, sendo o corpo o meio de comunicação com esse ambiente (CERBONE, 2014, p. 152; MERLEAU-PONTY, 1999, p. 136). Nessa experiência perceptiva o indivíduo percebe-se a si mesmo e aos objetos no ambiente. Essa corporificação da percepção é caracterizada pela experiência em si mesma, um contínuo (CERBONE, 2014, p. 152, 178; SCHMID, 2005, p. 37).

Os estudos da Percepção Ambiental corroboram a busca pelo entendimento da percepção dos indivíduos acerca dos espaços que ocupam. São eles que sofrem mais de perto o impacto das sensações que o ambiente pode transmitir. Nessa perspectiva Elali (1997, p. 353) argumenta que o espaço físico passa a ser considerado como espaço “vivencial”, onde os indivíduos vivem e relacionam-se, o ambiente social proposto por Ornstein, Bruna e Romério (1995, p. 7); e acrescenta, ainda, aos aspectos construtivos e funcionais as análises comportamentais e sociais, de ocupação, reinterpretação ou de modificação dos espaços. Na visão de Schmid (2005, p. 130) esse espaço vivido é finito, demarcado e heterogêneo, pode estimular ou desencorajar os indivíduos. Estes interpretam e percebem indistintamente os ambientes, que, sob diferentes aspectos, denotam conforto, tanto pelo que são como pelo que representam; sentidos e ambientes se comunicam e essa interpretação pode ser consciente, ou não. Para tanto, os indivíduos consideram suas necessidades físicas (corporais), psicológicas, espirituais, sociais e culturais (SCHMID, 2005, p. 23-24, 324-325). Nessa instância o ambiente influencia o estado de espírito dos indivíduos, como um efeito do ambiente físico em si. Essa relação entre a conveniência do conforto ambiental e o seu enlevo propicia a formação do contínuo, pois “as relações entre as coisas ou entre aspectos das coisas são sempre mediadas por nosso corpo [...]” (SCHMID, 2005, p. 37-38, 45, 124). A amplitude do espaço físico, a posição de objetos, luzes e cores, a adequada iluminação no ambiente é um

importante fator que contribui para a segurança, saúde, bem-estar e conforto. Fatores relacionados às condições de iluminação condicionam a percepção dos indivíduos face ao conforto visual, que pode se traduzir em fadiga, estresse e esforço físico. Os indivíduos respondem positivamente a locais amplos arejados, com iluminação natural e cores estimulantes, esta percepção se dá no campo subjetivo influenciando objetivamente o seu rendimento. O conforto ambiental pode remeter a estados psíquicos de maior ou menor concentração, transformar a percepção do indivíduo levando-o a experimentar mudanças de humor, acalmado-o ou excitando-o. Essas sensações podem ser percebidas pronta ou gradualmente, impregnando inconscientemente o indivíduo, são as manifestações fisiológicas dos estímulos (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 283-300).

A Arquitetura, tradicionalmente, tem considerado o ambiente sob um ponto de vista mais mecanicista enfatizando as necessidades funcionais dos indivíduos, especificamente o conforto térmico, acústico e lumínico. Atualmente as mudanças nesse sentido se manifestam na compreensão das necessidades formais e estéticas a fim de proporcionar um espaço agradável, de prazer e bem-estar, com proposições centradas no indivíduo ou no contexto social e ecológico, tornando o ambiente inspirador e melhorando o desempenho. Essas necessidades, diretamente ligadas às sensações provocadas pelo ambiente, relacionam-se com os valores dos indivíduos, e dependem de seus contextos social, subjetivo e cultural (ELALI, 1997, p. 351). Entende-se que as atividades desenvolvidas, o sistema funcional e a cultura organizacional influenciam na disposição do espaço físico, assim como a estrutura predial (NEUFERT, 2013, p. 247). A transposição dessas considerações para uma realidade dada defronta-se com um questionamento ainda sem resposta – a percepção do espaço físico e ambiental do bibliotecário dentro das bibliotecas.

### **3 A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO E AMBIENTAL DO BIBLIOTECÁRIO**

As bibliotecas, de modo geral, passam por mudanças decorrentes da incorporação de suportes e recursos informacionais, novas tecnologias, bem como do aumento e diversidade de sua clientela, interna e externa. Esta é uma constante no histórico de toda biblioteca, haja vista os diversos relatos apresentados nos eventos de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação<sup>3</sup>, as teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação<sup>4</sup>,

---

<sup>3</sup> Destaca-se os eventos: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBDD); Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU); Seminário em Ciência da Informação; Fórum Brasileiro de Bibliotecas Públicas.

além de livros e artigos publicados.

Para atender a essas demandas as bibliotecas, muitas vezes, necessitam adequar sua estrutura interna de gestão, aperfeiçoar produtos e serviços, além de construir e adaptar espaços físicos de modo a criar ambientes que possam ser utilizados por todos. Muitas bibliotecas, ainda hoje, funcionam em ambientes adaptados (GALBINSKI, 1993, p. 41), outras já ocupam prédios próprios, mas essa autonomia não as exime de readequações e reformas decorrentes de mudanças sociais, tecnológicas e conceituais (CUNHA, 2000, p. 78; MORAES; CRISTIANINI, 2004, p. 1-2; SANTORO, 2000, p. 2).

Ao falar em bibliotecas a primeira imagem que vem à mente são seus acervos – livros, teses e dissertações, periódicos, mapas, partituras, além de outros. As políticas de desenvolvimento de coleções se ocupam da manutenção, crescimento e escopo desses acervos; os serviços de referência e informação dão assistência para uso dos recursos informacionais e das tecnologias disponíveis para tal; os processos técnicos incorporam e disponibilizam as aquisições; os serviços de circulação atentam às questões relativas aos empréstimos, devoluções, reservas dos materiais e atendimento geral.

Para acomodar toda a estrutura de serviços oferecidos por uma biblioteca é necessário, seja na construção de novos edifícios ou na adaptação de ambientes construídos, dimensionar os espaços para acervos, equipes de trabalho, e usuários; assim como estabelecer estimativas de crescimento. Para tanto, um programa de necessidades pode proporcionar os requisitos adequados à estrutura física necessária (MINUZZO, 2004, p. 389-390). A projeção interna dos ambientes de uma biblioteca se funda em três elementos espaciais: acervo, locais de trabalho, e espaços de leitura. Essa ambientação deve ser motivadora e incrementar a produtividade também dos indivíduos que trabalham em bibliotecas (GOMES, 2007, p. 47, 140; NEUFERT, 2013, p. 259). Entretanto, e de modo geral, todo o intento é direcionado à comunidade atendida pela biblioteca: os serviços que presta, os acervos que adquire, sua organização física – os espaços de leitura e pesquisa, laboratórios, mobiliários, e outras dependências – tudo é pensado em função de seus usuários. Bicheri (2008, p. 27-28) relata que o ambiente de uma biblioteca escolar deve ser

“[...] atraente, acolhedor, envolvente e prazeroso: proporcionar conforto por meio de um local bem iluminado, ventilado, com uma clara

---

<sup>4</sup> De acordo com a Plataforma Sucupira são 15 programas de pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação em funcionamento no país. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/listaPrograma.jsf>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

sinalização/comunicação visual, mobiliado e decorado de acordo com o perfil de seus usuários [...]” (Bicheri, 2008, p. 27-28).

Outros tipos de bibliotecas se encaixam nessa descrição, seja ela pública, comunitária, nacional ou universitária. Nesse conceito cabe, ainda, a questão da acessibilidade. Com a publicação da NBR 9050 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT), 2015) as bibliotecas têm procurado se adaptar ou se adequar<sup>5</sup> ao escopo dessa norma<sup>6</sup>. De acordo com o conceito estabelecido por Ferrez (2006, p. 21) a biblioteca acessível

“[...] é um espaço que permite a presença e proveito de todos, e está preparada para acolher a maior variedade de público possível para as suas atividades, com instalações adequadas às diferentes necessidades e em conformidade com as diferenças físicas, antropométricas e sensoriais da população.” (FERREZ, 2006, p. 21).

Aliada a essa normatização o Design Universal, ou Design para Todos<sup>7</sup>, refere-se, entre outros, ao desenvolvimento e a avaliação de ambientes para serem usados por todos. Desta forma, os indivíduos com habilidades, necessidades e interesses variados, decorrentes, ou não, de envelhecimento, mobilidade reduzida ou deficiências, poderão ser beneficiados por ambientes acessíveis (MELO, 2006, p. 18).

---

<sup>5</sup> Ambiente adaptado: ambiente cujas características originais foram alteradas posteriormente para serem acessíveis. Ambiente adequado: ambiente cujas características foram originalmente planejadas para serem acessíveis (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2015).

<sup>6</sup> Esta Norma estabelece critérios e parâmetros técnicos a serem observados quanto ao projeto, construção, instalação e adaptação do meio urbano e rural, e de edificações às condições de acessibilidade. No estabelecimento desses critérios e parâmetros técnicos foram consideradas diversas condições de mobilidade e de percepção do ambiente, com ou sem a ajuda de aparelhos específicos, como próteses, aparelhos de apoio, cadeiras de rodas, bengalas de rastreamento, sistemas assistivos de audição ou qualquer outro que venha a complementar necessidades individuais. Esta Norma visa proporcionar a utilização de maneira autônoma, independente e segura do ambiente, edificações, mobiliário, equipamentos urbanos e elementos à maior quantidade possível de pessoas, independentemente de idade, estatura ou limitação de mobilidade ou percepção. As áreas técnicas de serviço ou de acesso restrito, como casas de máquinas, barriletes, passagem de uso técnico etc., não necessitam ser acessíveis. As edificações residenciais multifamiliares, condomínios e conjuntos habitacionais necessitam ser acessíveis em suas áreas de uso comum. As unidades autônomas acessíveis são localizadas em rota acessível. Para serem considerados acessíveis, todos os espaços, edificações, mobiliários e equipamentos urbanos que vierem a ser projetados, construídos, montados ou implantados, bem como as reformas e ampliações de edificações e equipamentos urbanos, atendem ao disposto nesta Norma (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2015).

<sup>7</sup> O conceito de design universal propõe uma arquitetura e um design mais centrados no ser humano e na sua diversidade. Estabelece critérios para que edificações, ambientes internos e urbanos, produtos, programas e serviços atendam a um maior número de usuários, favorecendo a biodiversidade humana e proporcionando uma melhor ergonomia para todos, incluindo os recursos de tecnologia assistiva. Para tanto, foram definidos sete princípios do Design Universal que passaram a ser mundialmente adotados: uso equitativo; uso flexível; uso simples e intuitivo; informação de fácil percepção; tolerância ao erro; mínimo esforço físico; dimensão e espaço para aproximação e uso (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2015).

São inúmeras as referências que mencionam as preocupações relativas aos espaços destinados aos usuários em bibliotecas. Exemplifica-se com o relato de Santoro (2000) sobre a influência da arquitetura de interiores nas bibliotecas, e que indica a constante preocupação com o “conforto do usuário”: o sistema de acesso ao acervo, o controle da circulação, capacidade de acomodação, terminais de consulta, mobiliários confortáveis, liberdade e bem-estar, “um espaço onde os leitores se sentissem com vontade de permanecer” (SANTORO, 2000, p. 6). A pesquisa de Libardi et al. (2010, p. 8) sobre modernização e adequação do espaço físico da biblioteca, constatou a insatisfação dos usuários “quanto ao espaço para leitura, iluminação, comunicação visual, rede de computadores para acesso às bases de dados, climatização do ambiente”. No trabalho desenvolvido por Medeiros, Puerta e Degasperi (2012, p. 2), sobre aquisição de material bibliográfico, as autoras acreditam que o espaço para o usuário na biblioteca é uma questão primordial, “pois deve ser também um local agradável de leitura e lazer”. Entende-se que as proposições de Ferrez (2006, p. 23), relacionadas a acessibilidade física, possam ser estendidas aos indivíduos que trabalham nas bibliotecas, mesmo tendo a autora usado a terminologia “usuário”. Na Biblioteconomia o termo “usuário” refere-se aos clientes externos atendidos pela biblioteca.

Os relatos mencionados indicam que as ações desenvolvidas nas bibliotecas estão, comumente, direcionadas aos usuários que as frequentam; o desencadeamento dessas ações tem como objetivo prover o controle e o acesso adequados às informações, tanto para pesquisa, ensino e lazer, como para o exercício da cidadania. A questão que se apresenta é a percepção que os bibliotecários têm de si próprios nos espaços físicos das bibliotecas, na delimitação de seu espaço ambiental enquanto indivíduo – corpo que se comunica – em relação a esse mesmo ambiente.

Atualmente, os bibliotecários não mais se restringem aos limites de um acervo. Cabe a esse profissional aliar aos procedimentos rotineiros da biblioteca outras habilidades e competências exigidas para entender e interpretar a informação, sua produção, captação, preservação e disseminação; o uso de tecnologias da informação e da comunicação e sua concepção; interagir em equipes multidisciplinares; ações administrativas; além de investir em sua própria qualificação e capacitação continuamente (SILVEIRA, 2008, 89). A justaposição desse papel social dos bibliotecários tem se consolidado com ações efetivas do Conselho Federal de Biblioteconomia e seus Conselhos Regionais<sup>8</sup>, assim como das

---

<sup>8</sup> <<http://www.cfb.org.br/>>

associações de classe e escolas de Biblioteconomia<sup>9</sup> com seus programas de graduação e pós-graduação. A profissão tem 50 anos de regulamentação, completados em 2015. Contudo, não se evidenciam preocupações com os indivíduos que trabalham nas bibliotecas, principalmente com relação ao dimensionamento do espaço físico e ambiental que lhes é destinado.

A literatura brasileira disponível sobre administração de bibliotecas, de modo geral, não aborda essa questão especificamente. Destaca-se Carvalho (1981, p. 22) que estabelece padrões mínimos de espaços para acervos, salas de leitura e de trabalho, sem distinção da tarefa a ser executada. Galbinski e Miranda (1993, p. 23, 34) indicam a elaboração de um programa de necessidades funcionais, especificando cada ambiente e o número de funcionários em cada local. A compilação de Costa ([2000], p. 2-3) aponta o que considerar para se calcular as áreas necessárias. Diante dessa carência se faz necessário buscar soluções em outras áreas. É na Arquitetura, por exemplo, que se encontram os detalhamentos sobre espaços necessários para o trabalho em escritórios, que podem ser adaptados às áreas destinadas ao trabalho em bibliotecas (NEUFERT, 2013, p. 247); na metodologia fenomenológica que atenta aos modos pelos quais as coisas se manifestam, pela forma e estrutura dessas manifestações; nos estudos da percepção que buscam pelo entendimento que os indivíduos têm acerca dos espaços que ocupam; e na ergonomia para a concepção de ambientes responsivos às atividades desempenhadas.

## CONCLUSÃO

A percepção do espaço ambiental, em dado momento, é influenciada por múltiplos fatores que estimulam os sentidos. As sensações decorrentes desses estímulos fortalecem ou embotam a atenção provocando estados de animação e concentração ou, contrariamente, desânimo e dispersão. Estes estados anímicos podem ser percebidos prontamente ou a medida em que os sentidos são saturados. A atenção que ora se volta para esses efeitos sobre os indivíduos tem merecido destaque devido ao fato de que as necessidades produtivas aumentaram nos diversos setores produtivos.

Ao perceber-se no espaço ambiental e atribuir-lhe um significado, o bibliotecário toma consciência da relação corporal que tem com o ambiente e os estímulos que recebe no lugar que ocupa. Essa conscientização é como um despertar, um entendimento. Além da posição

---

<sup>9</sup> Existem atualmente, em funcionamento no Brasil, 39 cursos de Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação oferecidos por universidades federais, estaduais e particulares. Disponível em: <<http://www.crb6.org.br/carreira.php>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

social do bibliotecário e seus espaços de atuação profissional, há um espaço físico e ambiental a ser considerado, uma vez que as bibliotecas têm grandes preocupações com seus acervos e usuários, principalmente.

A falta de pesquisas voltadas especificamente para a conscientização dos bibliotecários sobre seu espaço físico e ambiental dentro da biblioteca, com a visão centrada no próprio bibliotecário e adaptada para as transformações em curso no âmbito da profissão, torna necessária a pesquisa dessa relação, para que os bibliotecários possam influir em seu próprio ambiente favorecendo o desempenho de suas funções.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**: acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. 3. ed. Rio Janeiro, ABNT, 2015. [162] p.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira. **A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face a crescente virtualização da informação**. 197 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93713>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

CARVALHO, Maria Carmen Romcy de. **Estabelecimento de padrões para bibliotecas universitárias**. Fortaleza: UFC, 1981. 71 p.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Petrópolis: Vozes, 2014. 292 p.

COSTA, Klytia de Souza Brasil Dias. **Organização de bibliotecas: espaço físico**. S. l.: SENAC/SICS, [2000]. [16 p.]

ELALI, Gleice Azambuja. Psicologia e Arquitetura: em busca do *lócus* interdisciplinar. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 349-362, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v2n2/a09v02n2.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

FERRES, Sofia Pérez. Acessibilidade física. In: PUPO, Deise Tallarico; MELO, Amanda Meincke; FERRES, Sofia Pérez. **Acessibilidade**: discurso e prática no cotidiano das bibliotecas. Campinas: UNICAMP, 2006. p. 21-32.

GALBINSKI, José; MIRANDA, Antonio L. C. **Planejamento físico de bibliotecas universitárias**. Brasília: PROBIB, 1993. 176 p.

GOMES, Samir Hernandes Tenório. **Edifícios para bibliotecas universitárias**: perspectivas e diretrizes a partir da avaliação-pós ocupação. 544 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-29042010-105703/pt-br.php>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

LIBARDI, Leopoldina Mira Soares de Oliveira et al. Modernização e adequação do espaço físico da Biblioteca Central do *campus* de Ribeirão Preto/USP: relato de caso. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 16., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010. p. 1-11. Disponível em: <[http://www.sibi.ufrj.br/snbu2010/pdfs/posters/final\\_157.pdf](http://www.sibi.ufrj.br/snbu2010/pdfs/posters/final_157.pdf)>. Acesso em: 03 dez. 2010.

MARIN, Andréia Aparecida; KASPER, Kátia Maria. A natureza e o lugar habitado como âmbitos da experiência estética: novos entendimentos da relação ser humano – ambiente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 267-282, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v25n2/12.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

MEDEIROS, Ana Paula Santulo Custódio de; PUERTA, Adriana Aparecida; DEGASPERI; Márcia Correa Bueno. Utilização dos orçamentos hierárquicos do Sistema Aleph no processo de aquisição de material bibliográfico pela biblioteca da UNESP Campus de Rio Claro. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17., 2012, Gramado. **Anais...** Gramado: UFSC, 2012. p. 1-12. Disponível em: <<http://www.snbu2012.com.br/anais/pdf/4QTF.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

MELO, Amanda Meincke. Acessibilidade e design universal. In: PUPO, Deise Tallarico; MELO, Amanda Meincke; FERRES, Sofia Pérez. **Acessibilidade: discurso e prática no cotidiano das bibliotecas**. Campinas: UNICAMP, 2006. p. 17-20.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662 p.

MINUZZO, Liziane Ungaretti. Programa de necessidades para a nova sede da biblioteca pública do estado do Rio Grande do Sul. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 389-403, jul./dez., 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/103/61>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

MORAES, J. S.; CRISTIANINI, G. M. S. Planejamento da construção de edifícios para bibliotecas: requisitos básicos. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 13., 2004, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2004. 1 CD-ROM.

NEUFERT, Ernst. **Arte de projetar em arquitetura: princípios, normas, regulamentos sobre projeto, construção, forma, necessidades e relações espaciais, dimensões de edifícios, ambientes, mobiliário, objetos tendo o homem como unidade de medida e seu objetivo: manual para arquitetos, engenheiros, estudantes, professores, construtores e proprietários**. 18. ed. totalmente renov. e atual. São Paulo: G. Gili, 2013. 567 p.

**NOVO Dicionário Eletrônico Aurélio**. 2009.

ORNSTEIN, Sheila Walbe; BRUNA, Gilda Collet; ROMERO, Marcelo de Andrade. **Ambiente construído & comportamento: a avaliação pós-ocupação e a qualidade ambiental**. São Paulo: Nobel: FUPAM, 1995.

SANTORO, M. I. A influência da arquitetura de interiores na organização e uso de bibliotecas: o caso da UNICSUL. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12., 2000, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2000. p.

1-16. Disponível em: <<http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t029.doc>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

SCHMID, Aloísio Leoni. **A idéia de conforto**: reflexões sobre o ambiente construído. Curitiba: Pacto Ambiental, 2005. 339 p.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. O bibliotecário como agente histórico: do “humanista” ao “Moderno Profissional da Informação. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 83-94, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1873/2275>>. Acesso em: 23 jan. 2016.